

Universidade do Rio Grande do Sul, com isso anexando a faculdade de Farmácia de Santa Maria e as duas faculdades existentes em Pelotas. Foi, portanto, uma visão arrojada, empreendedora.

P- Mas essa visão foi uma visão muito pessoal?

R- Muito pessoal, eu acho. Uma citação dele: “Durante quase cinco séculos viveu o Brasil de costas voltadas para o interior, desprezando $\frac{3}{4}$ do seu território, troçando os habitantes das capitais, dos tabaréus, dos matutos, dos jecas, dos sertanejos e do gaúcho de bombacha. Toda e qualquer tentativa de estabelecimento de núcleo de educação superior em cidade que não capitais, era seguido de tenaz crítica, argüida a falta de métodos, de condições. Por todos esses motivos o ensino universitário oficial teimava em ser mantido como privilégio de ricos ou, ao menos, daqueles que haviam tido a felicidade de nascer em uma capital”. Isso está no livro de 1962.

P- A sra. teria algum estudo de impacto, digamos assim, a partir da criação da universidade para a região, para Santa Maria?

R- Isso é interessante. O movimento de interiorização contou com a mobilização da comunidade de inúmeras cidades, que mandavam telegramas de apoio. Aí é que surge Santa Maria como zona geo-educacional, com várias prefeituras e o Estado mobilizados. Uma das formas de mobilização na época foi em 1958, por exemplo, com a compra do microscópio eletrônico. Teve duas coisas interessantes, uma foi a TV no ensino da cirurgia, que foi a primeira na América Latina. Eram questões de impacto, que eu acho que ele usava como estratégia para mobilizar a imprensa da época, mas também para mobilizar a comunidade. Em primeiro lugar causava impacto, em segundo lugar, os fazendeiros da região, pessoas mais simples, todos contribuíam de alguma forma e de certo modo eram participantes do projeto de Santa Maria. A implementação da nova universidade encontrou-nos com o seguinte contexto: 84 mil habitantes, no censo de 1960, 9.600 militares e 16.935 ferroviários (e 25.000 alunos). Em 1962, o município possuía 10 estabelecimentos de grau médio, 187 escolas municipais primárias e 10 estabelecimentos de ensino religioso. Segundo pesquisas feitas pelo Instituto de Estudos e Pesquisas Econômicas da UFSM, em 1962, o total de alunos em todos os graus de ensino era de 31.759. Esse total era assim distribuído: curso primário- 21 mil, curso secundário- 8 mil e curso superior- 1.805.

P- Além dessa visão da interiorização, do aspecto regional, como é que ele via esse aspecto da relação com a América do Sul?

R- A nossa universidade foi uma das primeiras, se não me engano, pois já em 1958 recebia estudantes latino-americanos, antes mesmo da fundação da universidade. Poucas universidades recebiam estudantes de intercâmbio e já havia essa preocupação do Brasil isolado da América, de

olhar outras realidades. Eu acho que um dos equívocos que muitas pessoas vêm na história (da universidade) é de que o modelo norte-americano teria sido implementado na reforma de 1968 e não foi. Foi muito antes. Em 1964, quando eclodiu o golpe militar ele (o Reitor Mariano) estava nos Estados Unidos desde janeiro, com outros reitores e eles estavam estudando o custo da educação superior e a gestão universitária. Quem mandou ele pra lá foi o Jango, o João Goulart. Quando ele vai, em 1953, para visitar as universidades dos Estados Unidos e da Europa, ele vai com uma carta do Getúlio Vargas. Quando ele vai em 1964, no início do ano, ele vai com uma carta do João Goulart, que também era muito amigo dele. Ele foi enviado pelo presidente João Goulart e teve a sua volta abreviada. Já naquela ocasião se discutia entre outras coisas, a questão do alto custo do ensino superior para o Estado, a estrutura departamental e outros temas que depois foram foco da reforma. A UFSM antecipou a reforma no sentido de substituir a faculdade de filosofia como eixo da Universidade, pelos Institutos. Pois no modelo alemão (implementado no Brasil pela Lei Francisco Campos, de 1931) a faculdade de filosofia é que dá base para a universidade, que estrutura a universidade. A reforma de 1968 implementou a questão da universidade organizada nas diferentes áreas do saber, através de Centros de Ensino e Departamentos. Isso, aí em Santa Maria, foi implementado antes das determinações de Brasília. A substituição da Faculdade de Filosofia por Institutos é um projeto do Anísio Teixeira e foi implementado também na UnB muito antes da reforma.

P - A questão do dualismo esquerda/direita se intensifica na década de 60 e vai pelo menos até o final dos anos 80. Depois, com a queda do Muro de Berlim essa visão maniqueísta se reduz um pouco. Quando a gente entrava na universidade tinha o comentário “o professor Mariano foi um apoiador do regime militar, ligado politicamente à direita”. Quero saber se na verdade essa crítica seria injusta, cercada desse dualismo?

R- Eu acho totalmente injusta, miúda. São interesses particulares aqui dentro da universidade, disputas particulares com uma visão muito estreita. Eu acredito que ele era único. Sabe que em 68, essa mesma reforma de 68, criou um dispositivo onde todos os reitores fundadores foram cassados e isso foi uma cassação branca. Ela colocou um dispositivo através do qual os reitores não poderiam ser reeleitos. Por que os reitores não poderiam ser reeleitos? Porque eram uma grande liderança brasileira. Se tu imaginares então o Dr. Mariano, ele foi reitor durante 13 anos. São 13 anos efetivos frente à universidade, e antes de 60 ele trabalhou arduamente. Ele liderou o projeto de 1945 a 1973.

P- E foi reitor de 1960 a 1973?

R- De 60 a 73, e em 73 ele sai por dispositivo de lei (ter 58 anos)

P- E o reitor que o sucedeu era nomeado?

R- O reitor que sucedeu o Dr. Mariano já tinha como chefe de gabinete um membro do SNI. Isso aí, quando o regime fechou, foi fantástico (especialmente o modo como o Dr. Mariano foi perseguido e como registrou isso já que não podia falar).

P- O sucessor foi o professor Hélio Bernardi?

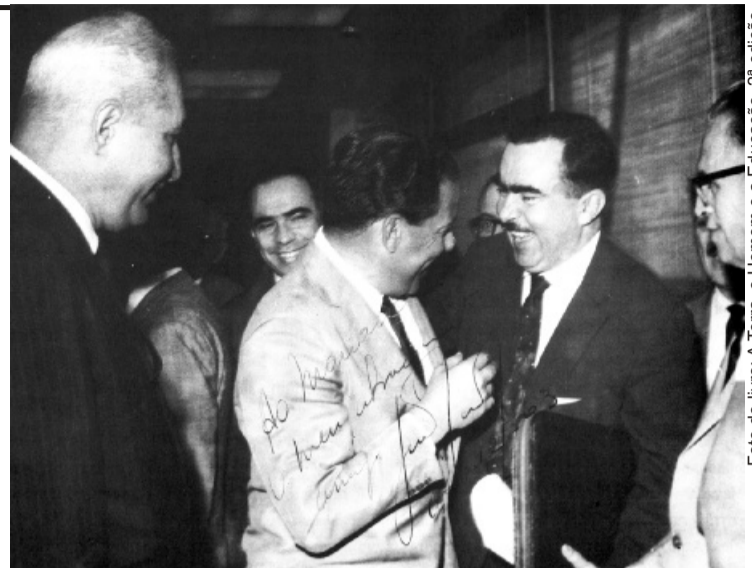
R- Foi o Bernardi. Eram quatro anos, e nessa época inclusive, nisso eu acho que ele (o Dr. Mariano) foi fantástico, nessas coisas que ele tem, um arquivo muito rico. Ele dizia “a gente guarda tudo, mesmo que a gente não vá usar”. Ele foi muito perseguido e não se sentia bem ao entrar na universidade, e ele arquivou todas as cartas desfavoradas, especialmente dessa época.

P- Desfavoradas de quem?

R- Pedindo para localizar documentos ou pedindo isso ou aquilo, mas sempre de maneira completamente desrespeitosa. Ele dizia sempre “eu não me sinto bem entrando na universidade”. E eu acho que o reitor que teve a coragem de reintroduzir o Dr. Mariano, no sentido de entrar na universidade, foi o Tabajara (Gaúcho da Costa, reitor de 1989 a 1993), apesar de outros terem já acenado com a idéia, ele se sentiu realmente à vontade a partir daí, porque ele queria muito ter uma sala na universidade, um 'gabinetezinho' onde ele pudesse escrever as memórias.

P- Na verdade tu fazes essa distinção bem clara de alguém que militava por uma idéia, uma causa e que por isso passou por vários governos sem necessariamente apoiá-los politicamente?

R- Nessas histórias, tem histórias divertidas e verdadeiras e, muitas histórias que não são verdadeiras. Uma história que não é verdadeira é a questão, por exemplo, que a universidade teria sido instalada lá (em Camobi) por causa da Base Aérea. Não, o projeto do Campus é muito anterior à criação (da Base, criada na década de 70). Então, são coisas erradas que circulam. Mas, tem as coisas certas também, como por exemplo, dizerem que quando um dos militares veio visitar a UFSM, tinha uma sala (no CESH) com o nome “JK” e que, não sei se foi o presidente Castelo Branco,



Pressionado pela ditadura, Mariano retirou do livro a foto em que aparecia com Jango.

disse assim: “Ah, mas sala JK?”. E ele (Mariano Filho) respondeu assim: “Claro general, JK- John Kennedy”. Mas, continuou existindo a sala JK. Quer dizer, eu acho que esses lances assim na hora, bem-humorados, eram típicos dele. Inclusive, tem um livro que ele fez, que o colocou numa saia justa. Neste livro, na primeira edição, ele (Mariano) tinha uma foto abraçado com o Jango (presidente João Goulart, deposto em 1964) que teve que tirar, porque se incomodou muito. Ele teve um processo de cassação pela amizade com o Jango.

P- Há poucos anos o nome do professor Mariano voltou a ser lembrado com mais força. Teve a questão da eleição, onde ele ganhou o título de Gaúcho do Século, em 2002. Na tua opinião, a comunidade universitária tem clareza, valoriza suficientemente esse papel do professor Mariano como fundador?

R- Eu acho que há muitos problemas em nossa universidade. Acho que a comunidade de Santa Maria reconhece, a comunidade do Rio Grande do Sul também, bem como a comunidade brasileira. Esses tempos estive visitando a universidade do Mato Grosso e visitei o fundador e ele contou-me as duas histórias da universidade e como ele veio a Santa Maria para se informar e usou como modelo a nossa universidade.

P- A que atribuis essa dissociação ou incompreensão?

R- Aqui em Santa Maria eu acredito que são disputas de poder muito pequenas.

P- O componente político e ideológico teria influenciado?

R- Certamente, o componente político e ideológico deve ter influenciado, mas eu acho que principalmente a má utilização do componente político e ideológico para fins pessoais. Eu acho até muito interessante esse ano que a disputa à Reitoria esteja procurando envolver mais a comunidade. Eu acredito que, se tu queres formar pessoas para intervir na história, queres formar sujeitos, isso representa um projeto de autonomia. E esse é o verdadeiro projeto de Santa Maria. Quem quiser seguir neste projeto tem que entender essa concepção.

“O professor Mariano foi muito perseguido”